

**Ana Rodrigues
Bruna Natali dos Santos
Raell Nunes**

NAS ONDAS DE UBATUBA

A história da Capital do Surfe

VOLUME I

**Ubatuba
2018**

Ficha Catalográfica

Souza, Ana Carolina Rodrigues de - Santos,
Bruna Natali dos - Nunes, Israel Sousa.

Nas ondas de Ubatuba: A história da Capital
do Surfe / Ana Carolina Rodrigues de Souza;
Bruna Natali dos Santos; Israel Sousa Nunes.
-- Caraguatatuba, 2018.

Orientador: Gerson Moreira Lima. TCC
(Graduação - Jornalismo) -- Centro
Universitário Módulo, 2018. 1. surfe. 2.
Ubatuba. 3. livro-reportagem. I. Lima, Gerson
Moreira. II. Título.
Capa: CJR Comunicação e Marketing

Este livro foi produzido pelos autores, que
detêm todos os direitos de conteúdo dessa
obra.

Prefácio

*“A onda do mar leva
A onda do mar traz
Quem vem pra beira da praia, meu bem
Não volta nunca mais...”*
Dorival Caymmi

O mar fascina. O mesmo mar que afoga, também faz viver. Ao dominar uma onda, o surfista encontra sua vocação ou simplesmente sua paz.

As ondas acolhem como um colo de mãe e ensinam lições que nem o mais rígido dos pais seria capaz de passar. Quem é adotado pelo oceano terá um lar por toda a vida.

Yemanjá protege os amantes do mar e a prancha oferece o equilíbrio que vai além do simples domínio de uma onda, é uma harmonia entre alma, corpo e coração. A balança espiritual e física. Uma mágica que só quem *dropou* uma onda sabe explicar.

Nesse livro, reunimos pessoas que escolheram e foram escolhidas pela água salgada, personagens que mantêm viva a história do surfe e toda a sua tradição. Pessoas que ao aposentarem suas *lycras* continuarão surfando altas ondas em outros oceanos, pois a vida acaba, o surfe não.

Aproveite a leitura, sinta o cheiro da água salgada e não se esqueça de passar protetor solar.

1

COMO TUDO COMEÇOU

Os encantos da água salgada sempre despertaram a curiosidade daqueles que queriam de alguma forma dominar o desconhecido: o mar. Mas foi quando o primeiro homem decidiu desbravar o oceano que o contato do ser humano com as ondas tornou-se realidade. Inicialmente, escorregar pelas ondas foi a solução encontrada. Começava, então, a longa história do surfe.

Tudo data de mil anos atrás, origem que une mitos à história. O berço de nascimento do surfe seria o Oceano Pacífico. Entre os desbravadores, polinésios e peruanos que – conta a história – teriam disputado o pioneirismo da modalidade.

Como em um cabo de guerra, os peruanos, de um lado, cujos antepassados teriam dominado as ondas em uma espécie de canoa, chamada de “Caballito de Totorá”. Do outro, os polinésios, desbravadores por natureza, que não temiam a ira de Tangaroa (deus mitológico dos mares), capaz de naufragar canoas feitas de madeira.

A versão mais aceita pelos pesquisadores é a de que os polinésios, movidos por curiosidade e

espírito aventureiro, foram em busca de novos destinos. E quando o horizonte era só água e eles pensaram que estavam sozinhos no meio do Pacífico, encontraram uma ilha: o Havaí.

Drew Kampion relata em “Uma história da cultura do surfe” que:

“As ilhas do Havaí são o paraíso terrestre consumado.”¹



Imagem: Google Maps

¹ ***Elevando-se altas e verdes acima das praias de areia branca, que contrastam com um mar quente cor de turquesa, as ilhas vulcânicas ainda ativas eram sublimes, poderosas, icônicas, dramáticas (...). Os seus grandes cumes e formações rochosas, monolíticas e arquetípicas, as crateras ativas de lava borbulhante, o estrondo rítmico do mar sempre presente a toda volta, a respiração alternada dos ventos alísios, as tempestades e furacões de Kona produziram as imagens inconscientes.”***

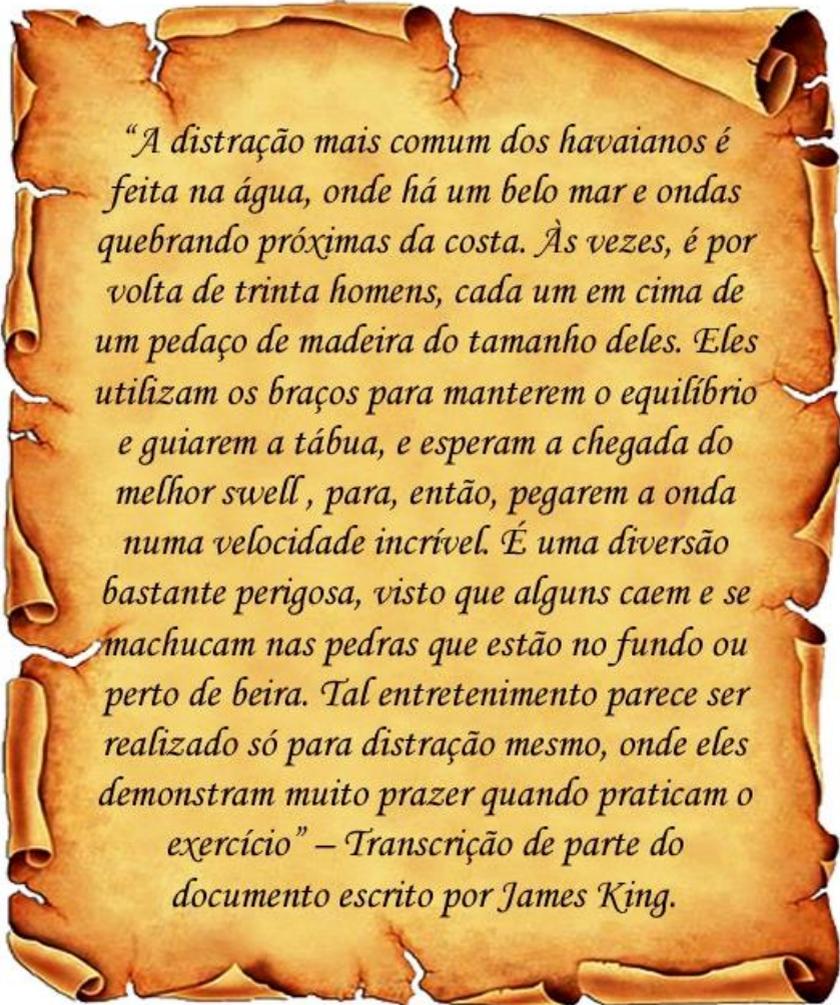
Conta-se que o primeiro a surfar na recém-descoberta ilha foi o rei polinésio Moikeha. A história registra que o surfe era praticado pelos nobres e seus descendentes. Quanto aos plebeus, encontravam dificuldades em conseguir madeira para fabricar suas “pranchas”.

A prática do surfe, na época, carregava um lado místico, que envolvia desde a fabricação das pranchas até rituais e festivais em seu nome. Os nobres utilizavam pranchas pesadas, que podiam atingir 17 pés e eram chamadas de “ollo”, já os outros habitantes usavam pranchas menores, 12 pés, denominadas “alaia”.

Muito tempo depois, em 1778, os registros dão um salto: o capitão inglês James Cook – contratado para descobrir novas rotas marítimas de comércio – conheceu o Havaí. Em seus relatos, ele conta ter visto habitantes deslizando nas ondas em pranchas fabricadas com árvores consideradas sagradas.

Parece ter sido um dia de sorte para o capitão. Além de sua descoberta, foi confundido com um deus havaiano, o que facilitou o contato com aqueles desconhecidos, tornando possível sua primeira visão do surfe. Segundo o antropólogo Marshall Sahlins, a chegada de Cook coincidiu com o dia em que os habitantes faziam oferendas em homenagem a *Lono* (deus da fertilidade).

Um dos companheiros do expedicionário era o capitão James King, encarregado de fazer as anotações sobre a viagem.



“A distração mais comum dos havaianos é feita na água, onde há um belo mar e ondas quebrando próximas da costa. Às vezes, é por volta de trinta homens, cada um em cima de um pedaço de madeira do tamanho deles. Eles utilizam os braços para manterem o equilíbrio e guiarem a tábua, e esperam a chegada do melhor swell, para, então, pegarem a onda numa velocidade incrível. É uma diversão bastante perigosa, visto que alguns caem e se machucam nas pedras que estão no fundo ou perto de beira. Tal entretenimento parece ser realizado só para distração mesmo, onde eles demonstram muito prazer quando praticam o exercício” – Transcrição de parte do documento escrito por James King.

O relato de King apresentou o Havai ao mundo. O arquipélago isolado no Pacífico agora era

mais do que um ponto no mapa, tornando-se destino de aventureiros, capitães e missionários que buscavam povos para difundirem sua fé.

Esses imigrantes do primeiro mundo desembarcaram nas ilhas, em 1820, com suas doenças, hábitos e crenças, o que pouco a pouco foi transformando a realidade dos nativos havaianos.

Os europeus achavam indecente o fato de os habitantes cavalgarem nas ondas seminus e, logo, esse hábito foi condenado e dizimado. Tempos tristes para o povo da “hula”² que começou a desaparecer das margens da praia e sumir, literalmente, do mapa. Antes da chegada dos “haoles”³, a população havaiana era de 300 mil, mas com as doenças que os europeus trouxeram na bagagem, esse número caiu para 40 mil habitantes.

A água salgada chorou a falta de seu povo e do surfe, que teve que esperar a virada do século XIX para o século XX para respirar timidamente de novo.

Nesse momento, o arquipélago já era parte dos Estados Unidos da América. O lugar recebia inúmeros turistas, o que causava desconforto aos locais, discriminados pelo tom de pele e seus costumes.

² Dança tradicional havaiana

³ Palavra usada até hoje no Havaí para designar o estrangeiro, “homem branco sem o sopro da vida” (PUKUI: 1999)

Parecia que a felicidade nunca iria sorrir para o povo do mar, mas essa realidade mudou quando em meio a um grupo de visitantes, um em especial viu algo que os outros não enxergavam, o amor pelo surfe.

Esse forasteiro era o escritor Jack London, que registrou o encantamento que o esporte lhe proporcionou e plantou as sementes para o renascimento do surfe, juntamente com Alexander Ford⁴ e George Freeth⁵.

O Pelé do Surfe

Mas o verdadeiro herói dessa história foi o nativo Duke Paoa Kahanamoku, uma espécie de Pelé do surfe, considerado pai do surfe moderno. O príncipe nativo da extinta nobreza havaiana era considerado – antes do surfe – o rei das piscinas⁶. A natação o levou a conhecer o mundo e difundir para outros lugares do planeta o que era restrito apenas ao povo havaiano, o surfe. Onde existiam ondas, Duke estava lá, mesmo que fosse necessário fabricar sua prancha.

⁴ Criador da primeira organização mundial de surfe, “Outrigger Canoe and Surf Club”, na praia de Waikiki.

⁵ Considerado, na época, o melhor surfista de Waikiki, Freeth foi convidado, durante a inauguração de uma linha férrea, a demonstrar a prática do surfe.

⁶ Campeão olímpico em 1912 e 1920.

Esta lenda do surfe foi imortalizada nas areias de Waikiki, no formato de uma estátua de bronze que representa o espírito havaiano e os primórdios do surfe.



Duke Paoa Kahanamoku. Foto: Pixabay

Surfe, ondas e dinheiro

Duke, com certeza, estaria, hoje, orgulhoso caso pudesse constatar onde o surfe, que já foi marginalizado e quase esquecido, chegou.

Atualmente, o mercado de surfe dropa⁷ nas mais altas ondas, reunindo mais de 30 milhões de surfistas ao redor do mundo.

Só no Brasil, o esporte fatura aproximadamente 9 bilhões de reais. Número que choca não só pela quantidade de zeros, mas também pelos seus 90% de consumidores que não são praticantes da modalidade, e sim simpatizantes do estilo de vida dos surfistas. Pessoas que, ao comprarem moda surfe, acessórios e artigos em geral, se sentem mais próximos da água salgada mesmo morando em locais que não possuem litoral.

Em Ubatuba, é notável o crescimento gerado pelo surfe. A evolução do mercado *surf wear* (*moda surfe*), por exemplo, é notada pelos comerciantes da cidade, principalmente em época de temporada de verão, onde a procura por produtos relacionados ao surfe aumenta consideravelmente.

No entanto, embora centenas de pranchas deslizem nas ondas de Ubatuba todos os anos, não há registros de quanto o surfe gera para a economia do município.

⁷ “Dropar”, primeira manobra que se faz na onda, descê-la.

2

EM ÁGUAS BRASILEIRAS

A disputada origem do surfe, entre peruanos e polinésios, como foi dito no capítulo anterior, torna as raízes do surfe incertas. No Brasil, não é diferente. A história do surfe em areias brasileiras também é polêmica, disputada entre santistas e cariocas.

Em Santos, a história começa na década de 30, em 1938, quando Osmar Gonçalves e seus amigos resolveram fabricar a primeira prancha que se tem registro no país. E surpreendentemente este registro não começa na praia, mas nas páginas de uma revista. Os garotos teriam se inspirado na “*Popular Mechanics*”, publicação americana que o pai de Osmar teria trazido do exterior.

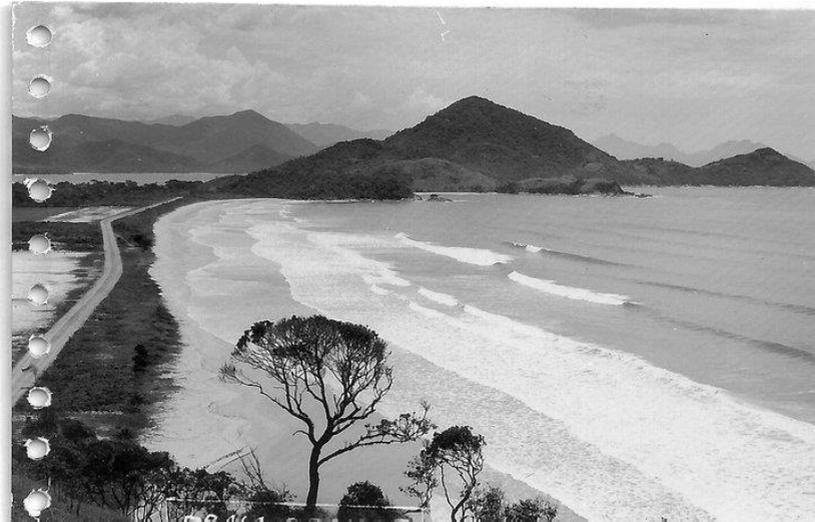
Foi só mais tarde, no Rio de Janeiro dos anos 50, que um grupo de surfistas teria deslizado nas ondas cariocas. As primeiras pranchas fabricadas no Brasil eram grandes e pesadas. Irency Brandão, integrante de um dos primeiros grupos de surfistas no Rio, fundou a primeira fábrica de pranchas artesanais em Jacarepaguá.

Esse então seria o início de um esporte que dominaria as praias das terras tupiniquins de Norte a Sul.

3

GAROTA EU VOU PARA... UBATUBA

Essa história começa há muito tempo atrás, em 1967, no tempo em que a Praia Grande, hoje repleta de quiosques e empreendimentos milionários, era só mato. Da estrada não era possível ver o mar por conta da grande vegetação protetora do oceano.



Praia Grande, Ubatuba - SP. Foto: Arquivo pessoal Luiz Sala

As perguntas de quem chegava próximo ao local eram imediatas: que segredos se guardavam além daquela área verde? O que poderia ser descoberto?

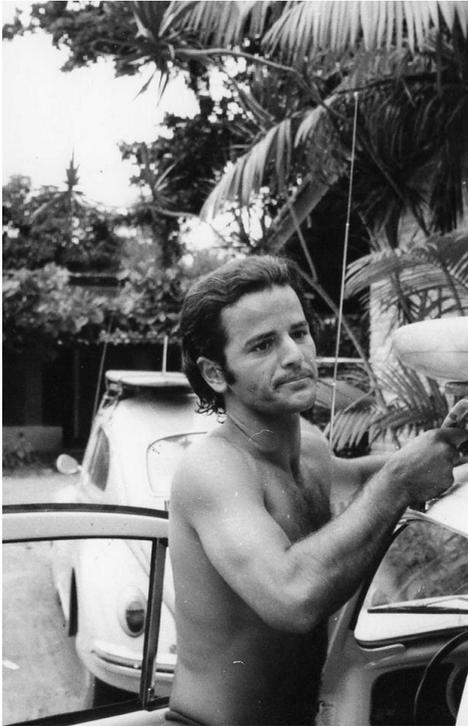
A curiosidade e a vontade de desbravar dos irmãos Ricardo e Paulo Issa desvendaram o tesouro guardado atrás da mata. Eles teriam sido os primeiros não só a abrir caminho, mas pela primeira vez surfarem aquelas que seriam o sonho de qualquer surfista: ondas bravas, grandes e novas.



Foto: Arquivo pessoal Paulo Issa

A aventura dos irmãos Issa provavelmente não era conhecida pelo cantor Lulu Santos, que anos depois conquistou o Brasil com o verso “Garota, eu vou pra Califórnia, viver a vida sobre as ondas”. A Califórnia estava descartada.

Os meninos descobriram bem antes que o paraíso estava logo ali na frente, no Litoral Norte de São Paulo.

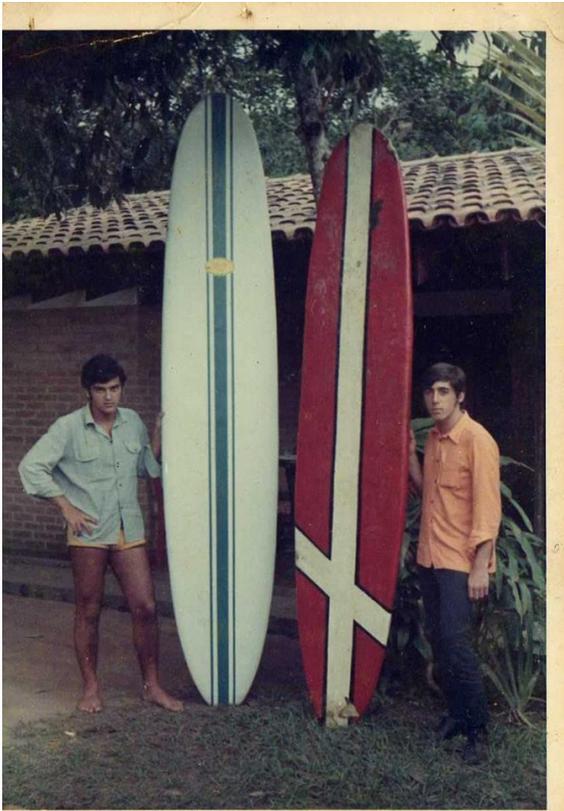


Paulo Joly Issa. Foto: Arquivo pessoal Paulo Issa

Uma questão de estilo

Apesar dos anos de chumbo, quando a repressão tomava conta da cidade grande, em Ubatuba – a aproximadamente 220 km de São Paulo – a atmosfera era bem diferente: o ar que se respirava era o do surfe e o estilo de vida contemplava o “slogan” do mundo hippie, “paz e amor”.

Os surfistas se destacavam da multidão com todo o seu charme, seu bronzado e suas longas pranchas. “O surf da época ditou moda, estilo de vida, gírias e costumes, ou seja, tinha muito mais personalidade”, lembra Paulo Issa, com 20 anos na época, que entre risadas, se recorda também que os garotos eram o sonho das “gatinhas” e o pesadelo dos pais, que associavam essa vida mansa à falta de perspectiva no futuro.



Ricardo Issa e Nelsinho na praia da Enseada, 1968.
Foto: Arquivo pessoal Paulo Issa

AUS

A Associação Ubatuba de Surf (AUS) é um dos pilares fundamentais na história do esporte no município. O projeto surgiu para estimular o desenvolvimento da modalidade como estilo de vida,

aliando-se às questões de importância ambiental e cunho social.

Os integrantes desse grande ideal juram de pés juntos que não há no Brasil uma associação tão forte e que dê suporte aos atletas como a ubatubense.

Mas nem tudo são ondas perfeitas e manobras radicais nesse mar histórico chamado AUS. Houve muita rabeada e surfistas literalmente tomando uma vaca. E tudo isso movido por sentimentos humanos, por ciúme, talvez inveja. Uma coisa é certa: teve briga de interesses.

Pontapé inicial

Esse negócio de associação para fortalecer o surfe foi colocado em prática pelo lendário Paulo Issa, que serviu de exemplo para politizar o movimento dos cabeludos e bronzeados. A ação de organização era para provar que os surfistas não eram uns “cabeças de parafina”. Ao contrário, eram antenados e tinham visão.

Foi então que em 1972 o surfista criou a Associação de Surf Ubatuba (ASU). O cara era ambicioso e promoveu o primeiro Festival Brasileiro de Surf e muitos outros circuitos. Atraiu esportistas de vários cantos do país e fez o cenário se expandir internacionalmente.

A Praia Grande nunca foi tão visitada e o Itamambuca virou sinônimo de mar favorável para deslizar com as pranchas. Nunca se viu tantas jubas loiras e gírias que causavam certo impacto aos moradores locais.

“Ubatuba, sim, sim, sim!”

Estava tudo maneiro para Paulo e sua galera, porém, para alguns surfistas de Ubatuba, não. É bem verdade que Issa, embora desbravador das ondas locais, não era visto como gente raiz. O cara tinha mesmo pinta de turista. Alguns *brothers* tiveram essa percepção e resolveram agir para ter uma fatia do sucesso e representatividade na cena.

“Chegou num momento que politicamente isso não virava mais. Pô! O cara vem de fora e faz campeonato aqui”, revelou Alberto Jacob, um dos tradicionais surfistas locais de Ubatuba e atualmente secretário municipal de Esportes do município.

Com todo esse sentimento de localismo⁸ e com consciência de que certo capital e fama poderiam ser adquiridos futuramente, a Associação Ubatuba de Surf (AUS) foi criada. Jacob, Augusto, Nené, Pedrão, Jeffo, Liberal e Pedro Paulo Teixeira Pinto, em 1979, fundaram a AUS.

É fato que os surfistas locais não tinham tanta influência como Issa, na época. Já Pedro Paulo Teixeira Pinto, ex-prefeito de Ubatuba entre 1983 e 1988, sempre esteve envolvido em questões políticas e culturais da cidade. Ele não surfava, não falava gírias, mas se interessou pelo movimento que crescia no mundo e dava os primeiros passos em Ubatuba.

“Eu jamais peguei onda, nunca quis pegar uma sequer. Mas eu achava interessante aquele movimento. Era o começo desta manifestação entre as pessoas daqui. Na época, eu estava metido com futebol, moda e nataçãõ”, contou Pedro Paulo.

A ASU e a AUS começaram a travar batalhas em busca de recursos para sediar campeonatos e eventos voltados ao surfe. Era como uma disputa pela melhor onda, os melhores *dropavam* e os outros tomavam um caldo⁹.

Todo esse rebuliço é, de alguma forma, similar ao começo da história de Ubatuba. Antes de 1554 – quando ainda era conhecida por Aldeia de Iperoig – os primeiros a habitar a região, os índios tupinambás, eram excelentes canoeiros e viviam em paz. A tranquilidade chegou ao fim em razão de uma batalha travada por portugueses e franceses, na busca da colonização do local, que fizeram de

⁸ Forte apego a determinado lugar; defesa sistemática dos interesses do seu bairro ou da sua terra; bairrismo.

⁹ Quando se leva um tombo da prancha e é engolido pela onda.

escravos os que ali viviam. Há disputa e interesses pessoais em tudo.

Em 1988, os nervos estavam à flor da pele para a definição de qual associação iria ser responsável pelo Sundeek Classic – considerado até os dias atuais o evento mais significativo em Ubatuba, e um dos maiores do surfe mundial. Paulo Issa não segurou a bronca e a AUS fez a correria do campeonato. A partir de então, diante do sucesso do mundial, os ubatubenses bateram a mão no peito, ergueram a cabeça e quiseram monopolizar o movimento. Acreditem, deu certo. Issa caiu na estrada com sua galera e os *brothers* raiz continuaram e, claro, lucrando com o frenesi surfe, que se alastrava aos quatro cantos.

Apesar de tudo, os *brothers* de Ubatuba reconhecem que o cara de fora deu o pontapé inicial para muitas benfeitorias no surfe municipal e também brasileiro. Inclusive, dizem que ele era um visionário, empenhado, dedicado, além de carismático e cheio de ideias diferentes.

Convênio

Em 2016, através do projeto de lei nº 136/06, do Executivo, foi celebrado convênio entre a AUS e a Prefeitura Municipal de Ubatuba. A justificativa da matéria apontava que a cidade tem uma vocação para praticar a atividade esportiva, atraindo o turismo, sediando campeonatos e proporcionando ondas ideais para tais eventos.

Na ocasião, o prefeito da cidade era Eduardo de Souza César e o presidente da Câmara era o médico Ricardo Cortes.

José Luiz Bittencurt Junior, que à época era secretário de Esportes do município, assinou o projeto de lei afirmando que pelas vantagens do aspecto turístico se fazia necessária a aprovação de tal convênio.

O objetivo do convênio entre a Prefeitura e a AUS, ainda hoje vigente, era claro: repassar verbas da administração municipal à associação, com o intuito de realizar campeonatos de surfe periódicos. A verba a ser liberada pelo Executivo não pode ultrapassar R\$ 250 mil. Porém, o poder público desde o começo do acerto repassa somente R\$ 100 mil.

O acordo firmado entre as partes tem duração de um ano, podendo ser prorrogado por igual período. Desde que foi criado, o contrato nunca deixou de ser renovado. No entanto, apesar da inflação e crises que

o país atravessou, o valor de R\$ 100 mil vem sendo mantido por mais de dez anos consecutivos.



4

SUNDEK CLASSIC 88

Mais de 45 anos antes da assinatura deste convênio, em 1970, a galera do surfe resolveu fazer um campeonato para promover as ondas da Praia Grande “só para brincarmos um pouco”, diz Paulo Issa.

O que era, a princípio, brincadeira, dava os primeiros passos para se tornar algo profissional em 1971, quando Paulo promoveu o segundo campeonato, dessa vez com direito a cartazes improvisados em cartolinas coladas pelo centro da cidade de Guarujá, Litoral Sul de São Paulo: “Campeonato de Surfe em Ubatuba”.

Foi essa pequena divulgação que garantiu o sucesso da edição, atraindo até caravanas de surfistas para Ubatuba.

Nos primeiros eventos, os surfistas acampavam na Praia Grande e dividiam-se em turmas, cada um na sua área. Ano após ano, a cidade foi ganhando ainda mais fama e atraindo muitos jovens para as praias ubatubenses.

A AUS – Associação Ubatuba de Surfe, criada em 79 pelos caras de Ubatuba, organizou em 1988

aquele que se tornaria um verdadeiro clássico, como o próprio nome já diz, o Sundeek Classic, considerado até hoje um dos grandes acontecimentos do surfe mundial. Um momento único para o surfe do município, que marcou a geração e merece ter sua história contada.



Sundeek Classic. Foto: Arquivo pessoal Luiz Sala

Clássico!

O nome do campeonato cai como uma luva para os amantes do surfe. Um clássico, é assim que ele é lembrado. Campeonato das estrelas. Surfistas que só eram vistos em pôsteres, que ilustravam os

quartos da juventude da década de 1980, estavam ali, nas areias de Itamambuca. Os ídolos. As referências.

O sentimento de *soul surf*¹⁰ inundava aqueles dias de julho, eternizando-se como o maior campeonato que já rolou em Ubatuba. "Foi montada uma arquibancada para cinco mil pessoas. O palanque tinha dez metros de altura, uma estrutura faraônica para impressionar mesmo. Nunca tinha acontecido nada igual e nunca mais acontecerá", relembra Jacob, um dos organizadores do evento, que guarda com carinho, além das memórias, moletons e fotos do evento.

O campeonato é lembrado como um evento perfeito, assim como as ondas, dessa que é uma das praias mais constantes do mundo. Com o posicionamento privilegiado, Itamambuca recebe três ondulações: sul/sudeste e leste, o que favorece ondas quase todos os dias. Esse fato, unido à estrutura e ao público presente, transformaram o Sundek Classic em um dos campeonatos que mais deixaram saudade nos amantes da água salgada.

O evento foi algo fora do comum. O público vibrava com os surfistas e suas pranchas coloridas – novidade na época.

O então campeão mundial Damien Hardman derrotou Rob Page na final e se tornou o rei da praia no ano de 1988.

¹⁰ Expressão americana que significa "surfista de alma".

Quando a noite caiu, as estrelas vieram fazer companhia para os que ainda estavam na areia e acompanhavam o desfile "Gata da Praia" ao som de bandas que interpretavam grandes sucessos dos anos 80. O Sundeek reuniu, não só surfistas, mas toda uma juventude que queria paz e novas amizades. Marcou história e a alma de todos que tiveram a honra de carimbar suas pegadas na areia de Itamambuca.

5

INCLUSÃO SOCIAL NO SURFE

Os participantes do mundo da bola têm o hábito de dizer que o futebol é muito mais que um esporte. Isto porque tanto os fãs, quanto os jogadores profissionais se emocionam com uma partida e com fatores extracampo, tais como ações solidárias e projetos educacionais.

Com similaridade, o surfe também é inclusão social e fonte de inspiração para muitas pessoas. A modalidade é um instrumento para promover a inserção de atletas na comunidade. Assim, formam-se cidadãos com consciência de seus direitos e deveres, promovendo o prazer pela convivência – contando, inclusive, com a manutenção da saúde física.

Afrosurfe

Em Ubatuba, existem projetos humanitários e eficazes, com possibilidade plena de mudar a trajetória de milhares de pessoas. Um deles é a ONG



Foto: Afrosurfe

Afrosurfe, que leva mensagens às crianças da Caçandoca, região sul da cidade. O objetivo é tornar a vida dos pequeninos surfistas mais saudável através do esporte e conscientizá-los quanto à importância da preservação da natureza.

A ideia surgiu após muitos garotos e garotas ficarem nas ruas sem quase nenhuma ocupação. Na época de temporada, geralmente entre novembro e fevereiro, a Caçandoca fica lotada e muitos carros percorrem a localidade, trazendo perigo aos meninos e meninas.

Diante dessa situação, Ramom Soares, que sonha em ser jornalista e estuda para exercer tal profissão, fundou a ONG Afrosurfe e colocou a criançada para praticar esportes e ter mais noção do que a natureza representa.

O jovem estudante de Jornalismo fala com emoção que a finalidade da ONG é tornar a vida das crianças mais sadia, além de dar-lhes mais consciência e preparo para o futuro, independentemente de ser o esporte ou qualquer outro caminho que desejem seguir. A ONG começou com dois ou três alunos e atualmente já conta com quase trinta pessoas envolvidas.

“É trazer lições da vida, da preservação da natureza e do próprio respeito por ela, e tornar esse esporte algo cultural dentro da comunidade. Preencher um espaço vazio, pois há poucas coisas voltadas aos jovens e crianças da comunidade”, diz Ramom.



Foto: Afrosurfe

Caçandoca

O Quilombo Caçandoca é o primeiro do país reconhecido em terras da Marinha. Fica em uma área de 890 hectares. A comunidade ocupa áreas da praia e do sertão da Caçandoca, entre elas as localidades da Praia do Pulso, Caçandoca, Caçandoquinha, Bairro Alto, Saco da Raposa, São Lourenço, Saco do Morcego, Saco da Banana e Praia do Simão.

O espaço do atual quilombo era ocupado no século XIX por uma fazenda cafeicultora e escravagista, que em 1858 foi adquirida por José Antunes de Sá. Havia também cultivo da cana de açúcar e um engenho para o seu processamento.

Em 1881, a fazenda foi desmembrada. Após a abolição, alguns dos ex-escravos se mudaram para outras localidades, mas uma parte deles permaneceu nas terras, na condição de posseiros, cultivando principalmente banana e mandioca fundiária.

Em 2000, um estudo da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP) identificou famílias descendentes de escravos vivendo na região e ameaçadas pela especulação imobiliária. No mesmo ano, a Caçandoca foi reconhecida como comunidade remanescente de quilombo.

Muitos moradores da comunidade são brancos que se casaram com negros. Eles vivem em algumas das casas de pau-a-pique. Os remanescentes vivem com recursos que vêm de seu

trabalho como a pesca, a coleta de mariscos, além da produção de bananas – suas principais atividades produtivas.

Canoas Surfe Clube Camburi

Outro projeto de cunho social é o Canoas Surfe Clube Camburi, que objetiva a união do esporte (surfe) com o meio ambiente. Foca também o fortalecimento da comunidade, da cultura local, por meio de atividades divertidas e dinâmicas.

Rapazes e moças promovem aulas de surfe, treinos e festivais. E ainda tem mais: colheita de juçara, limpeza de trilhas, plantio de árvores, intercâmbio cultural e oficina de conserto de pranchas.

Todos os trabalhos envolvem cultura, a preservação do meio ambiente e uma modalidade esportiva que é a cara de Ubatuba, o surfe.

Os jovens são os coordenadores do clube e protagonistas das ações, com o apoio e incentivo dos pais e surfistas mais velhos. As atividades são propostas e escolhidas em assembléia num exercício de construção coletiva e comunitária de autonomia na qual desenvolvem sua percepção de união e fortalecimento regional.



Foto: Projeto Canoas Surfe Clube Camburi

Segundo o escritor local e amante da natureza, Santiago Bernardes, o surfe é uma ferramenta de tonificação de atividades saudáveis e culturais. Ele relata, ainda, o resgate da comunidade tradicional por meio dos trabalhos.

“Devido às variadas formas de descaracterização cultural que a comunidade tradicional de Camburi vem sofrendo há décadas, os jovens sentiram a necessidade de se unirem tendo o surfe como uma ferramenta de empoderamento e de realização de atividades saudáveis e culturais”, acrescenta.

Camburi

Conforme a Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba (FundArt), a comunidade quilombola do Camburi é constituída por 50 famílias e está localizada no município de Ubatuba, na fronteira com o município de Paraty, no Estado do Rio de Janeiro.

Os quilombolas ocupam a área do Camburi há aproximadamente 150 anos. A comunidade foi alvo de diversos processos de grilagem e compras ilegais de posse, derivados da especulação imobiliária.

Os quilombolas fundaram, em 2001, a Associação dos Remanescentes de Quilombo do Camburi. O processo de regularização fundiária foi iniciado pelo ITESP, em junho de 2005, que publicou no Diário Oficial do Estado o relatório técnico-científico reconhecendo a comunidade como quilombola e identificando os limites de seu território.

Projeto Namaskar

O Projeto Namaskar fica na comunidade do Sesmaria, local carente de Ubatuba. A entidade social, que ajuda crianças e jovens do bairro, tem como padrinho um dos ícones do surfe ubatubense, Filipinho Toledo. O surfista está morando e treinando nos Estados Unidos, mas, em um ato de

solidariedade, ajuda o projeto há cinco anos.



Em 2017, Filipino doou R\$ 7,5 mil dólares para o Namaskar. Ele ganhou o montante no campeonato que rolou na piscina que produz ondas, pertencente ao megacampeão mundial Kelly Slater.

A oficina de surfe é uma das 14 que fazem parte da instituição, que atende 300 pessoas, com idades entre 5 e 20 anos, e pretende ampliar esse número para 400 até o fim de 2018. O projeto existe há 13 anos, mas ganhou impulso com a chegada de Filipino como padrinho.

A coordenadora do projeto, Erika Lunardi Longo, expressa sua gratidão ao atleta ubatubense mundialmente conhecido. Ela comenta que a parceria impulsionou a ideia social da iniciativa, tendo como objetivo ajudar as pessoas mais carentes, inserindo-as de forma igualitária à sociedade.

“Uma das características de projeto social é atrair bastantes idosos. Mas esse perfil do Filipe de ser surfista, jovem, quebrou um pouco isso e mostrou que todo mundo pode ajudar. Começou a ampliar muito o leque de voluntários, de gente que doa. Tudo isso acabou fazendo a máquina funcionar melhor”, enfatiza Erika¹¹.



Foto: World Surf League

Filipinho não ajuda somente financeiramente a entidade. Constantemente, ele manda vídeos motivacionais às crianças para que elas permaneçam com a chama de seus sonhos acesa. Por conta disso, o surfista tem conquistado jovens que nunca ficaram em pé numa prancha, mas que seguem o seu bom exemplo de sucesso mundo afora.

¹¹ Em entrevista ao site globoesporte.globo.com em 06/09/2018.

6

MULHERES NO SURFE

Cada vez mais as mulheres estão ganhando espaço na sociedade. No surfe, a situação não é diferente. Um exemplo disso foi a atitude da organização da Liga Mundial de Surfe (WSL), anunciando que em 2019 as premiações serão iguais para homens e mulheres.

A CEO da WSL, Sophie Goldschmidt, comemorou a conquista e disse que a trajetória do surfe feminino mundo a fora merecia elevar o seu patamar. “Esta é a mais recente de uma série de ações que a Liga se comprometeu a tocar em relação a nossas atletas, desde competir nas mesmas ondas de qualidade que os homens até receber mais investimento e apoio”.

Em Ubatuba, há um fortalecimento constante do surfe feminino. Nas escolinhas municipais, as meninas já somam mais da metade em números de inscrições. O Campeonato Brasileiro Feminino de Surfe, que acontece na cidade, atrai mulheres de todos os estados e até mesmo de outros países. Na última competição, mais de 130 super *girls* pegaram

ondas radicais e deram um show de manobras na Praia de Itamambuca.

A cena feminina

A bicampeã brasileira de surfe, Suelen Naraisa, cresceu em Itamambuca e, com o perdão da palavra, ao invés de boneca, ela brincava com uma prancha. Desde os 8 anos de idade era o centro das atenções. O talento parece ser familiar, porque a surfista é irmã de Wiggolly Dantas, ubatubense que já disputou o WSL, a elite do surfe mundial, e de Wesley Dantas, garoto de 16 anos que tem se destacado em etapas do circuito mundial na categoria amador, com um futuro brilhante pela frente.



Foto: Arquivo pessoal

Suelen tem um projeto que se chama Soul Delas. A ideia central é misturar esporte e bem-estar, num evento que oferece estrutura e alimentação. “Tenho uma escola de surf e hoje em dia trabalho com isso. Eu dou aula de surfe na Itamambuca e iniciei um projeto de clínicas de surfe com mulheres. É um projeto bem bacana, de passar o que aprendi com o surfe para outras pessoas”, conta.

O surfe também cria mulheres independentes e empreendedoras. Na atualidade, muitas marcas do esporte são voltadas ao público feminino. Mas há quem ainda ganhe um dinheirinho fazendo jornalismo. Esse é o caso da jornalista Janaína Pedroso, que criou o site Origem Surf. Ela publicou matérias que repercutiram no Brasil inteiro – quase sempre fazendo da cidade de Ubatuba um cenário muito atrativo. Uma das reportagens que geraram polêmica e reconhecimento foi uma abordagem envolvendo o surfe e o feminicídio. Sob o título *Feminicídio: Mãe de surfista de Ubatuba é morta a facadas pelo ex-marido*, a reportagem, em um dos seus trechos, retrata o sentimento de impotência e culpa da filha ao presenciar sua mãe morrer em seus braços, vítima do próprio marido.

O primeiro raio de sol apontou no céu. A padaria abriu. O pinguço finalmente dormiu. Tudo parecia ter voltado ao normal na manhã do dia 20 de dezembro. Menos para Açucena, surfista de 19 anos,

que ainda acreditava ser a culpada pela morte da mãe.

“Não consegui sentir ela perder o pulso, não fiz a massagem cardíaca”. Só então, no dia seguinte, quando o médico legista explicou para a menina que sua mãe não teria tido chances de sobreviver, ela caiu no sono.

Foram inúmeras facadas. Lucília Vaz, de 47 anos, foi morta dentro de casa, enquanto lavava roupas e esquentava a janta. A vingança foi finalmente consumada, mas não sem antes, ser anunciada inúmeras vezes.

Surfe e gravidez

Outra personagem feminina do surfe ubatubense, a oceanógrafa Renata Porcaro, conta que, mesmo com dificuldade de se mover devido à gravidez, não descartou o esporte e decidiu surfar durante a gestação. Ela tinha um sonho de morar perto do mar e, em 2015, realizou tal desejo. Veio a Ubatuba e logo teve a notícia que um novo ser habitaria em sua vida.

Renata gosta de pegar ondas de *longboard* e desde que soube da gravidez ficou se questionando: “será que consigo surfar?”. E conseguiu, mesmo com todas as questões envolvendo a maternidade.

Os profissionais da saúde foram contrários à decisão de Renata. Ela também era contra cesáreas – queria que a sua criança viesse ao mundo de uma forma natural.



Foto: Arquivo pessoal

“Tive duas tentativas frustradas com médicas do convênio: a primeira me disse que eu deveria parar imediatamente minhas atividades [surfe e bike], e eu estava apenas no terceiro mês. A segunda médica parecia uma pessoa muito legal, mas toda vez que eu perguntava sobre o parto ela mudava de assunto”.

Após muita luta, Renata encontrou uma médica do seu gosto, que aprovou suas ideias. O surfe continuou na sua vida de uma maneira diferente, mas sem perder a intensidade.

“Selecionava o mar que iria cair, pois não podia oferecer riscos de machucar ou bater a barriga, e a cada dia eu passava mais tempo no mar e pegava

menos ondas. A remada também foi uma dificuldade. Comecei a remar de joelhos e deitava na prancha apenas no momento de entrar na onda”.



Foto: Arquivo pessoal

Chegou um momento que Renata não conseguia mais fazer a atividade física que mais ama na vida. E foi aí que Benjamim, no dia 29 de junho de 2016, nasceu. No entanto, um mês depois, a mamãe coruja já estava surfando novamente.

“A readaptação não é fácil, principalmente com relação ao tempo. Bebês precisam de muita atenção e dedicação. Meus treinos agora são mais curtos e o tempo na água é cronometrado. Está sendo uma experiência maravilhosa e que só agrega coisas boas na vida”, explica com certa emoção na voz.

7

CAPITAL DO SURFE

Foi na primavera de 2007, no dia 5 de outubro, que Ubatuba amanheceu sendo oficialmente a Capital do Surfe no Estado de São Paulo, de acordo com a Lei 12.718/2007. O autor da Lei, deputado Gil Arantes (DEM), declarou na época que “o surfe é um esporte já amplamente praticado no Brasil e Ubatuba, considerada o paraíso dos esportes náuticos, pois possui um dos melhores ambientes para a sua prática em todo o país”.

Para o prefeito da época, Eduardo César, receber o título ressaltou a força que a cidade possui no esporte. “Além de possuímos praias com algumas das melhores ondas para a prática do surfe, recebemos campeonatos de nível nacional e internacional, como é o caso do Onbongo Pro Surfing, etapa do campeonato mundial WQS (...). Além disso, temos as escolinhas de surfe, que têm formado campeões com destaque internacional”.

E não para por aí. Existem mais motivos para confirmar este título ubatubense, que são tão claros quanto às águas das mais de cem praias de Ubatuba.

Geograficamente privilegiada, localizada no meio da costa brasileira, entre Rio de Janeiro e São Paulo, a cidade mantém alguns dias quentes, mesmo no inverno, o que propicia a prática do surfe durante quase todo o ano. Não importa de onde venha o *swell*¹¹, sempre vai existir a onda perfeita.

Essa bênção do mar faz com que o espírito do surfe permaneça vivo na cidade, o que reflete no maior campeonato municipal de surfe do mundo, considerado referência pelo grande número de participantes.

Com mais de duas décadas de existência colocando garotos e garotas para deslizarem sobre as ondas, a Escola de Surfe Municipal de Ubatuba é mais um dos motivos para a cidade ostentar o título da Capital do Surfe. Só em 2018, o número de alunos chegou a quase 600, em uma cidade, que conforme o IBGE, (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), até 2015, possuía 86.392 habitantes.

Motivo de orgulho pelos veteranos deste esporte, a escolinha é berço de grandes nomes do surfe nacional e mundial da atualidade, como Filipe Toledo e os irmãos Wiggolly e Suelen Naraísa Dantas.

IIº FESTIVAL BRASILEIRO DE SURF UBATUBA 73

A PARTIR DO DIA 14 DE JULHO CATEGORIAS: SENIOR, JUNIOR, FEMININO

PATROCINIO

Kiko SurfBoards (1 prancha cat. Feminino)
Homero SurfBoards (1 prancha cat. junior)
Twin Surf Shop (Bermudas e Camisetas)
Surfax Foam (2 Blanks cat. Senior)

COLABORAÇÃO

SECRETARIA DE CULTURA ESPORTE E TURISMO DO ESTADO DE S. PAULO E
SERVIÇO DE ESPORTE E TURISMO DO MUNICIPIO DE UBATUBA

PROMOÇÃO

ASSOCIAÇÃO DE SURF UBATUBA

Inscrições em UBATUBA nos dias 12 e 13/7

Os cadidatos deverão apresentar documento de identidade no ato da
Inscrição.

Cartaz do II Festival Brasileiro de Surfe, em 1973.

8

PRAIAS

Deu tubo...

...para todos os gostos e pranchas! Conheça alguns dos melhores picos para surfar em Ubatuba, que garantem no mar o título de Capital do Surfe:

Itamambuca

Sem dúvida, uma das praias mais famosas da cidade. Conhecida mundialmente, Itamambuca é palco de grandes festivais de surfe. Um pico com ondas constantes, ideais para prática de surfe, sup surf (*stand up paddle*) e *bodyboard*.

“Itamambuca é considerada no Brasil uma das praias mais constantes. Tanto é, que os principais campeonatos do Brasil rolam aqui” **Surfista Wesley Dantas, no documentário “No ar: Filipe Toledo” (Canal Off)**

Félix

A praia do Félix agrada tanto os banhistas, quanto os surfistas. No canto direito, parece uma piscina de água cristalina. Já em seu lado esquerdo, o bicho pega! As ondas quebram com violência e os surfistas fazem a festa.



Surfista Nano, na praia do Felix, 1975. Foto: Arquivo pessoal Nano

Vermelha do Norte

Praia de tombo, correnteza forte e ondas cavadas: esta é a praia de areias avermelhadas que os surfistas adoram, com ondas fortes e altas.

Vermelha do Centro

Point dos luaus e ponto de encontro dos jovens, a praia Vermelha do Centro é ótima para surfe, com boas ondulações.

Praia Grande

Extensa, popular e para todos os gostos! A PG foi a porta de entrada para o surfe nas terras ubatubenses.

“Aqui no canto da PG é sempre melhor quando está de sul, pois fica uma esquerda longa que vem até a beira e vai embora. E quando entra mais sudeste e leste a onda corre um pouco pro meio que é onde tem uma condição de onda também um pouquinho diferente, mas continua sendo muito boa, uma onda muito manobrável e longa.” **Filipe Toledo no documentário “No ar: Filipe Toledo” (Canal Off)**

Perequê-açú

Ótima para os surfistas iniciantes, a praia do Perequê-açú tem 4 km de extensão e areias monazíticas (areia escura; tipo de areia que possui uma concentração natural de minerais pesados).

9

PREVISÃO DE NOVAS ONDAS

“O sol brilhou na Vermelha do Centro, altas ondas estão pra chegar...”. Assim como na música do surfista Maverick, a previsão para Ubatuba está cheia de “good vibes”¹².

Com os pés na areia, Ubatuba espera em 2018, Filipe Toledo se tornar campeão mundial e levar o nome da Capital do Surfe para outras orlas, além da brasileira.

A nova era do surfe não para por aí. Agora considerado oficialmente um esporte olímpico, a modalidade ganha novos rumos que mudarão a história do surfe mundial.

Uma das novidades foi revelada este ano, quando a Elite do Surfe Mundial (WSL – World Surf League) tomou iniciativa histórica e declarou que a partir de 2019 todas as etapas organizadas pela Liga terão premiação equiparada entre homens e mulheres, um passo importante para diminuir a

¹² Expressão americana, muito usada no Brasil. Em português quer dizer “boas vibrações”.

desigualdade entre gêneros, em uma época que este assunto está tão em pauta.

Um novo capítulo dessa história também começa a ser contado, lá na Califórnia. Na cidade de Lemoore, o Surf Ranch sedia uma das etapas do Circuito Mundial de Surfe 2018. E o que isso tem de inovador? É a primeira vez que os surfistas da elite mundial disputam uma etapa com formato exclusivo para ondas artificiais.

O projeto idealizado pelo surfista Kelly Slater torna as competições mais equilibradas, no que diz respeito ao estilo de ondas, por exemplo, já que as condições do mar são controladas artificialmente.

Os surfistas da velha geração vão guardando suas lycras, mas é uma ótima época para os mais novos, que terão a oportunidade de desfrutar de um esporte mais igualitário, olhado atualmente com bons olhos e cheio de inovações que só tornam este esporte ainda mais prazeroso.

Mas essa é uma história que precisará ser contada em uma outra publicação. Que venha um novo volume sobre o surfe no mundo, tendo como cenário de fundo Ubatuba, a Capital do Surfe.